

A CAMINHO DE AFRICA

A Ilha da Madeira, cantada pérola do Atlantico.

Uma cidade cromo, feita de fructos e flôres.



carta de bordo onde minúsculas bandeirinhas vão marcando, cuidadosamente, a distancia percorrida, regista que estamos a 540 milhas de Portugal.

Tão longe já! Contudo, um segundo basta para que o pensamento transponha o Oceano, saudoso das pessoas queridas que desejaríamos ter presentes agora, aqui, a nosso lado, ante o magnifico espectáculo, novo e belo, que a formosa ilha nos oferece.

A Madeira, em todo o seu perfil acidentado, magestoso anfiteatro entafado de verduras onde o sol estende alcatifas de ouro, surge aos nossos olhos, maravilhosa e deslumbradora, como nas velhas crónicas descritivas dos mareantes e descobridores.

Vista donde estou, e olhando-a desde a ponte de S. Lourenço até às Rochas do Campanario, toda envolvida em nevoa azul, a formosa ilha pareceu-me, há pouco, um lindissimo monstro, dorso erriçado, a estremecer ao sol, afagado pelas ondas...

Pouco a pouco a distancia diminue, apagando a fantasia, e a ilha surge-nos pitoresca e ridente, disposta em terrenos que se sobrepõem, e cujas cumeadas desaparecem entre rolos de nuvens.

O barco aproxima-se mais da costa, e passam os pitorescos sitios de Caniçal, Machico, Santa Cruz, distinguindo-se, perfeitamente, as casinhas simetricas e eguaes, muito brancas, com seu teto vermelho, esmaltando os tufos de verdura onde avultam os vinhedos, cana de açúcar e pinhais.

Bandos de gaivotas esvoaçam como doidas, circulando em volta do navio; um paquete inglez com *touristes*, que acaba de sair do porto, cruza com o nosso barco, deixando um rasto de ebria alegria, de algazarra contente, de muzica internacional; a baía do Funchal recorta-se, enfim, imponentemente, e ao alto a cidade dos fructos e flôres, a rainha do Oceano, abre-nos os seus braços...

Em toda a ilha, nos altos dos montes e rochedos passa como que uma nevoa tenue, azul e fina, gaze delicada que a viração vae rasgando, deixando floquinhos de seda nos cumes das escarpas, nas copas dos arvoredos; e lá em cima, nos altos picos, há recortes que parecem crateras, taças enormes, bocas hiantes atafalhadas de nuvens...

Esta nevoa faz-me ocorrer a hora misteriosa, quando Zarco, há 500 anos, descobriu a ilha, metido no seu fragil varinel, enquanto os seus marinheiros, julgando ver monstros e gigantes nos penedos da praia, se benzião entre suores de agonia.

E' essa praia maravilhosa, a quem Oliveira Martins chamou «paraizo a emergir do mar, revestido de matas, engrinaldado de flores, ondina encerrada numa camara de nuvens», que eu tenho neste momento aprisionada nos meus olhos.

Logo que o paquete lançou ferro, uma verdadeira chusma de botes veio ao seu encontro, atracando enquanto barqueiros disputam, em alarido, os passageiros para conduzir a terra.

Soam apitos roucos doutros navios, a que se juntam toques nervosos das sereias dos «gazolinas»; a algazarra

recresce, aumentada pelos *hurrás* entusiasticos de rapazes de *sport* que veem esperar um grupo de jogadores que vem de Lisboa; junto ao paquete, em seu redór balança-se uma pequena povoação flutuante de barcos listados a verde e amarelo donde se gesticula e grita para os passageiros; e veem chegando, sempre, mais barcos, uns carregados com fresquissimos e rubros morangos e flores, outros com pequenas mobílias de verga, ainda outros com caixas de bordados, colares de ambar, madreperola e coral, — todas estas graciosas embarcações, como delicadas quermesses de côr, a ondular flutuando na baía azul.

Com um grupo de companheiros de bordo, tomamos um «gazolina» que em menos de cinco minutos nos põe em terra, sobre a ponte donde ingressamos na rua Gonçalves Zarco, a principal entrada da cidade.

Impressão magnifica; scenarios inteiramente novos feitos de preciosos panos de muralhas colgados de verduras e flores; vestigios de casas apalaçadas com amplos pateos solarengos, e tudo isto intercalado pelas manchas cromáticas, expressivas, muito modernas, que lhe emprestam estabelecimentos bizarros, quiosques e bazares onde se vendem lindas bugigangas, guloseimas, postais, minúsculos objetos de ceramica, preciosas chinezices e graciosas coisas regionais.

O automovel que nos vai conduzir ao Monte desliza por uma larga avenida, num andamento suave e que permite observar as coisas e os tipos pitorescos sempre prestigiosos para um estranho, de mais envoltos na dôce luz da meia tarde.

Pelos passeios, à porta dos *bars*, aglomeram-se pessoas que sorvem liquidos frescos, depois veem-se as casas de rendas, linhos e bordados, onde tambem se expõem pequenas tapeçarias, artefactos de palha e outros artigos da região, atraindo o *touriste*; pelas ruas cruzam-se mulheres e garotos vendendo flores, fructos, postais, e de vez em quando passam os celebres carros sem rodas, puchados a bois, as cortinas misteriosamente corridas, e deslizando pela calçada de seixos negros, ensebada.

Já começamos a ingreme subida, e para qualquer lado que nos voltemos, sempre deparamos com um novo motivo de encanto, quere seja nas janelas floridas, com suas persianas de taboinhas verdes semi-cerradas, ou nas varandas que se encavalitam umas sobre as outras, sob caramanchões verdejantes feitos de vinha e trepadeiras, donde pendem grinaldas amarelas e azues, cachos de lilazes, e búganvilla...

O automovel, que o *chauffeur* conduz sem o menor esforço, parece saber de côr o caminho, apezar das curvas ingremes e complicadas, à beira de enormes precipicios disfarçados sob o manto das tenras verduras.

Como por encanto, nos cotovelos das estradas, de todos os lados, por entre relvas, moitas e arbustos, surgem creanças pobrezinhas que nos estendem braçadas de flores e dirigem saudações; é uma delicada maneira de pedir esmola e de tal sorte cativante que quando chegamos ao cimo o interior do carro era um jardim.

No alto do monte, deixando descair a vista sobre o vasto e policromo panorama que se vae desdobrando em desenhos e recortes de todos os matizes, os olhos percorrem entontecidos, dormentes de tão incognita beleza, quadros exóticos de paisagem estranha em que se funde a flora europea com a africana, altos carvalhos e pinheiros misturados com palmeiras, canaviaes de açúcar por entre vinhedos, e grandes arvores com flores vermelhas do tropico juntando o seu aroma ao das baunilhas, cravos e

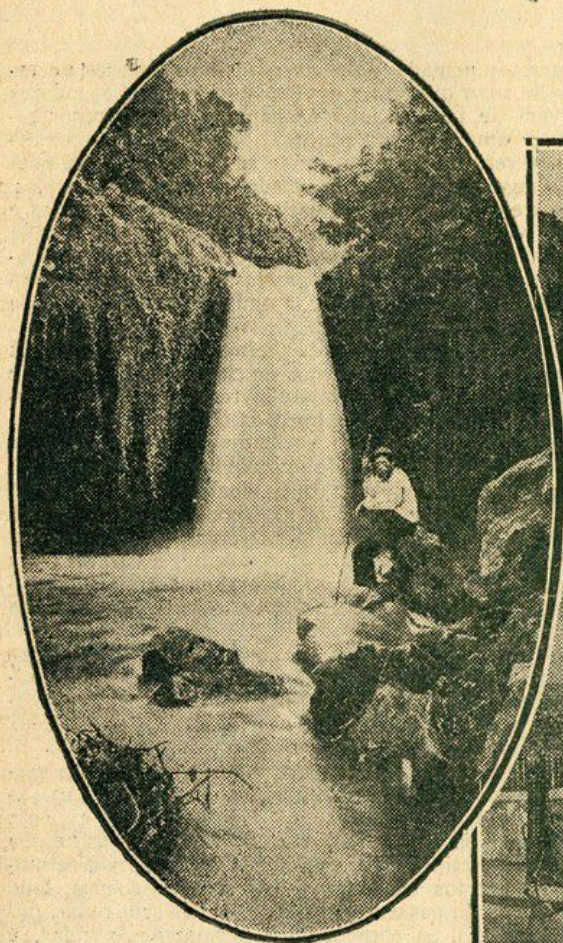
roseiras. Lá em baixo os olhos quebram no tapete branco, harmoniosamente composto das manchas do casario, orlado com as rendas de espuma do mar... E para o alto, a montanha sobe, sobe sempre, rasgando as nuvens, insaciável de altura...

Descemos, por outro caminho, dentro dos cestos tradicionais que pulsos vigorosos sustinham, uma ladeira íngreme, mas sempre com o mesmo cenário de varandas verdejantes e floridas, persianas cerradas, e as narinas

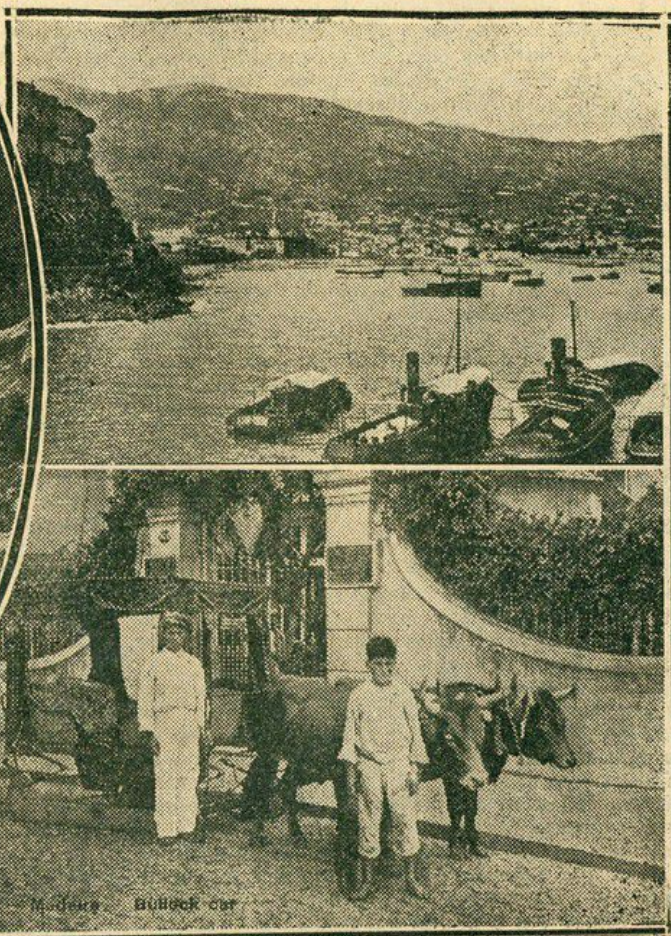
a principal avenida pejada de automóveis, a baía scintilante pelas luzes dos paquês e navios, tem o aspecto dum grande centro cosmopolita.

Percebe-se que o muito que aqui há de bom, mesmo excelente, deve-se à beleza do solo, do clima, à graça da natureza e à iniciativa dos regionais; o pouco que ainda é mau, são restos da rotina e incuria do Estado, que não tem sabido tirar todo o partido desta maravilhosa terra.

Admirável, a intuição, o esforço inteligente com que esta gente, isolada da metropole, soube conservar o expressionismo pitoresco dos costumes e tradições, introduzindo, a par, as belas coisas modernas de requinte e civilização, armando, assim, à beira do Oceano, esta tenda mimosa, — este bazar florido, onde os estrangeiros repou-



Ilha da Madeira — Uma queda de agua. Uma vista do porto. O carro de bols para transporte de passageiros.



aspirando aromas de plantas e flores, e a canção das águas murmurando nas nascentes.

Numa paragem, trouxeram-nos, num copo, um liquido doirado, odoroso, — o autentico vinho da Madeira. Quando chegamos cá baixo já a noite encobria a ilha.

*
* *

Funchal é, sem exagero, uma cidade magnifica que, pela sua posição maritima, pelo seu movimento interno e internacional, pelo seu comercio e industria, pela sua expressão pitoresca, pode ser considerada a terceira cidade de Portugal.

Se visto de dia é uma cidade cromo, erguida entre tapizes de fructos e flôres, recostada entre scenarios luxuriantes, examinada de noite, com os seus cafés e casinos brilhantes de luz, repletos de gente nacional e estrangeira,

sam, embevecidos, e que a maioria dos portugueses ignora, preguiçosamente.

E' quasi meia noite, e a cidade começa a adormecer. No cais passam sombras da noite — marítimos, pescadores, alguns marinheiros americanos bebados, gente do mar...

Já a bordo, debruçado do paquê, olho uma vez mais a cidade que, atravez da noite, me aparece, agora, como formosissima constelação.

Funchal, Junho — 1925

Julião Quintinha.